

Editorial 63-3

História do Controle do Câncer no Brasil

No ano em que se comemoram os 80 anos de existência do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) e os 70 anos da Revista Brasileira de Cancerologia (RBC), nada mais apropriado do que dedicar a edição especial da revista ao tema História do Controle do Câncer no Brasil. Ainda que pareça desnecessário ou repetitivo, é importante destacar que controle do câncer significa um conjunto de ações sistematizadas e contínuas que objetivam reduzir a incidência e a mortalidade da doença e promover a melhoria da qualidade de vida dos pacientes, durante e após o tratamento.

Atualmente, essas ações têm caráter intersetorial (setores como saúde, ciência e tecnologia, educação, meio ambiente, trabalho, assistência e previdência social etc.) e multidisciplinar (profissionais de saúde, engenheiros, físicos, administradores, economistas, estatísticos etc.), materializando-se em programas de controle do câncer e suas diferentes dimensões (prevenção, detecção precoce, tratamento, cuidados paliativos, reabilitação e cuidados com os sobreviventes).

Entretanto, nem sempre foi assim. Embora o câncer seja uma doença conhecida há milênios, a denominação da doença surgiu no século V a.C. por meio de Hipócrates. Durante quase dois mil anos, os registros da doença foram esparsos. Somente a partir dos sécs. XVI e XVII, foram se acumulando registros da doença e as diferentes formas de abordá-la. Ao final do século XIX, com o desenvolvimento da microscopia, da patologia, da assepsia e anestesia, novos conhecimentos sobre a doença foram sendo adquiridos. O séc. XX foi testemunha de enormes avanços no diagnóstico e tratamento do câncer, no conhecimento dos fatores de risco da doença, na identificação dos mecanismos responsáveis pela carcinogênese e pela emergência do câncer como um problema de saúde pública em todo o mundo. As duas primeiras décadas do séc. XXI apontam para a aplicação do conhecimento adquirido dos aspectos moleculares da doença na elaboração de procedimentos diagnósticos e terapêuticos mais refinados, além de registrar a preocupação com o aumento dos casos e mortes por câncer nos países em desenvolvimento, o crescimento de cânceres relacionados ao excesso de peso, os cuidados prolongados com os sobreviventes e a sustentabilidade financeira dos sistemas de saúde em consequência dos aumentos de gastos relacionados à incorporação de novos medicamentos e tecnologias.

No Brasil, somente nos anos 1920 (Instituto Radium de BH-1922), começaram a surgir as primeiras instituições e ações públicas voltadas ao controle da doença. O primeiro congresso brasileiro sobre o câncer ocorreu no período de 24 a 30 de novembro de 1935. Criado em 1937, o Centro de Cancerologia do Distrito Federal, que mais tarde se tornaria o que é hoje o INCA, foi incorporado ao recém-criado Serviço Nacional de Câncer (SNC) em 1941. Nessa época, o Centro de Cancerologia (então nomeado Instituto de Câncer) já desenvolvia atividades assistenciais, estudos epidemiológicos, campanhas educativas e apoio técnico ao governo federal nas ações relacionadas ao câncer no país.

Uma das seções do SNC tinha, entre outras atividades, a tarefa de editar uma revista científica de cancerologia. Enfrentando dificuldades financeiras e a escassez de técnicos especializados, a revista somente foi lançada em 1947. O periódico tinha o objetivo de divulgar à comunidade científica o campo emergente da cancerologia. Os primeiros números procuravam divulgar as recentes pesquisas científicas, cursos e congressos e apresentar casos clínicos. Nos anos 1970 e 1980, começaram a predominar artigos originais; e, nos anos 1990 e 2000, iniciou-se o processo de publicação de versões eletrônicas no site da revista na Internet e no Portal da Capes, e a indexação em bases de dados.

Em 1957, foi inaugurado o novo prédio do Instituto Nacional de Câncer e, desde então, a instituição vem ampliando as ações de assistência, ensino, pesquisa, e reforçando seu papel institucional de apoiar a elaboração e implementação de políticas de controle do câncer no país. As décadas de 1980 e 1990 foram caracterizadas pelo desenvolvimento institucional, com ampliação e a criação de novos serviços e programas, e a consolidação do INCA como órgão do Ministério da Saúde responsável por assistir o Ministro da Saúde nas políticas de controle do câncer. O início dos anos 2000 foi marcado pelo protagonismo da instituição nas políticas de expansão da rede de atenção oncológica, na certificação das suas unidades assistenciais, no incremento da pesquisa e ensino, no controle do tabaco

e outros fatores de risco, na consolidação dos cuidados paliativos, na ampliação dos registros de câncer, no registro de doadores de medula óssea, nos programas de qualidade em radioterapia e mamografia e na detecção precoce dos cânceres de mama e colo do útero. Os anos da década de 2010 distinguem-se pelo avanço da cooperação internacional, ampliação das ações de comunicação e informação científica, consolidação do Banco Nacional de Tumores e DNA e novas plataformas de ensino.

Os desafios para o futuro são enormes, mas a capacidade do INCA de permanecer atual ao longo dos 80 anos reforça os valores institucionais de excelência, inovação e compromisso com a sociedade brasileira. Somos gratos àqueles que nos antecederam e fundaram essa memorável instituição. Instituição que é um patrimônio da sociedade brasileira e um ativo de valor inestimável que devemos cuidar para aqueles que nos sucederão. Parabéns ao INCA pelos 80 anos e à RBC pelos 70 anos de existência.



ANA CRISTINA PINHO MENDES PEREIRA
Diretora-Geral
Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva